

NUNCA FOI TÃO
TENTADOR SER UMA VILÃ

VIDA LONGA AO MAL

“ARROJADO E
IRRESISTIVELMENTE
SABOROSO.”

LEIGH
BARDUGO

“BRILHANTE.”

HOLLY
BLACK

SARAH REES BRENNAN

TRECHO ANTES DE  Planeta  MÚLTIPLO MÚLTIPLA PROIBIDA

SARAH REES BRENNAN

VIDA LONGA

AO MAL



Planeta minotauro

Tradução:

Flávia Souto Maior



Planeta minotauro

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Sarah Resse Brennan, 2025
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2025
Copyright da tradução © Flávia Souto Maior, 2025
Todos os direitos reservados.
Título original: Long Live Evil

Preparação: Caroline Silva
Revisão: Elisa Martins e Lígia Alves
Projeto gráfico e diagramação: Futura
Ilustração: Syd Mills
Design de capa: Ben Prior | LBBG
Adaptação de capa: Isabella Teixeira

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Brennan, Sarah Rees
Vida longa ao mal / Sarah Rees Brennan ; tradução de Flávia Souto
Maior. -- São Paulo : Planeta do Brasil, 2025.
464 p.

ISBN 978-85-422-3170-0
Título original: Long Live Evil

1. Ficção irlandesa 2. Literatura fantástica I. Título II. Maior, Flávia
Souto

25-0093 CDD 1r823

Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção irlandesa



Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo
e outras fontes controladas

2025
Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Planeta do Brasil Ltda.
Rua Bela Cintra, 986 – 4º andar – Consolação
01415-002 – São Paulo-SP
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

O A VELA ENFRENTA A MORTE

Nossa terra é uma terra de terríveis milagres.
Aqui, os mortos vivem e mentiras se tornam verdades. Cuidado.
Aqui, toda fantasia é possível.

Era do Ferro, Anônimo

 **Planeta minotauro**

O Imperador invadiu a sala do trono. Em uma das mãos, ele tinha sua espada. Na outra, a cabeça de seu inimigo. Ele balançava a cabeça com vivacidade, dedos enrolados em cabelos emaranhados ensopados de sangue.

Um rastro escarlate nos ladrilhos em ouro martelado marcava a passagem do Imperador. Suas botas deixaram profundas pegadas carmesim. Até mesmo o forro azul-gelo de seu manto preto estava respingado de vermelho. Nenhuma parte dele permanecia sem manchas.

Ele usava a máscara da morte coroada, desprovida da joia que deveria adornar sua testa, e um peitoral de bronze com estrelas cadentes forjadas em ferro. Os dedos de metal da manopla, que fulgiam em vermelho, estreitavam-se formando garras brilhantes.

Quando ele ergueu a máscara, fúria e dor haviam esculpido seu rosto em novas linhas. Depois do tempo que passou no lugar sem sol, estava pálido como a luz do inverno, seu resplendor tornado tão frio que queimava. Ele era uma estátua com sangue maculando sua bochecha, como uma flor vermelha sobre pedra. Ela mal o reconheceu.

Ele era o Imperador Hoje e Para Sempre, o Corrupto e Divino, o Príncipe dos Achados e Perdidos, Mestre da Temível Ravina, Comandante dos Vivos e dos Mortos. Ninguém podia deter sua marcha da vitória.

Ela não podia suportar vê-lo sorrir, ou o morto cambaleante atrás dele. Seu olhar foi atraído pelo brilho voraz da lâmina dele. Ela desejou que tivesse permanecido quebrada.

O punho da Espada de Eyam reforjada era uma cobra enrolada. Na lâmina, uma inscrição brilhava e fluía como se fosse escrita em água. A única palavra visível sob uma camada escorregadia de sangue era *Desejo*.

A garota de mãos prateadas tremia, sozinha no coração do palácio. O Imperador se aproximou do trono e disse...

— Você não está *escutando*!

— É uma coisa estranha para o Imperador dizer — Rae observou.

Sua irmã mais nova, Alice, estava sentada na ponta do leito de hospital de Rae, agarrando o apoio para os pés de aço pintado de branco como se fosse um bote salva-vidas. Alice estava fazendo uma leitura dramática de sua série de livros preferida, mas Rae não estava levando a sério.

A vida era curta demais para levar as coisas a sério, Rae diria. A boca de botão de rosa de Alice estava torcida em crítica, e botões de rosa não deveriam ser críticos.

Quando Rae tinha quatro anos, sua mãe lhe prometeu uma linda irmãzinha.

Alice chegou na primavera. As flores de macieira no quintal delas estavam brancas como a neve e salpicadas de rosa. Eram como nuvens da manhã na frente da janela de Rae. Seus pais chegaram com a bebê Alice enrolada em lã cor-de-rosa e renda branca, o que a fez parecer outra flor. Sob o olhar ávido de Rae, eles afastaram uma camada de cobertor com a reverência de um noivo desvelando sua noiva, e mostraram o rosto da recém-nascida.

Ela não era bonita. Parecia uma noz zangada.

— Ei, cara engraçada — Rae disse a Alice durante toda a sua infância.

— Não chore. Você é feia, mas não vou deixar ninguém te incomodar.

Mas a vida se mostra irônica às vezes, e o destino devia ter senso de humor. Conforme Alice cresceu, os ossos de seu rosto se acomodaram na posição perfeita, e até seu esqueleto se arranjou de forma mais

harmônica que o de qualquer outro. Ela ficou linda. E Rae... bem, ela era bonita também.

Mesmo antes, Rae sabia que “bonita” já não era a mesma coisa.

A beleza era como um guarda-chuva grande, ao mesmo tempo útil e difícil de manusear. Três anos antes, as irmãs tinham ido a um evento para fãs dos livros preferidos de Alice.

Era do Ferro era uma saga de deuses perdidos e velhos pecados, paixão e horror, esperança e morte. Todos concordavam que o forte da série não era o romance, mas discutiam o triângulo amoroso incessantemente. Os livros tinham tudo: batalhas de espadas e sagacidade, desespero e danças, o herói ascendendo de origens humildes até o poder supremo, e a beleza sem igual que todos desejavam, mas que apenas ele podia ter. A heroína superava seus rivais por ser pura de coração, e se tornava a rainha da terra. O herói conseguia se erguer das profundezas e se tornava a imperador de tudo. A heroína era recompensada por ser bela e virtuosa; o herói, por ser um cretino de boa aparência.

Alice foi para o evento vestida como a vilã, conhecida como a Bela Mergulhada em Sangue. Rae não entendeu por que Alice quis se fantasiar da meia-irmã malvada da heroína.

— Porque eu não confundo fantasia e realidade — respondeu Alice, rindo. Depois, encostou a cabeça no ombro de Rae e completou: — A verdade é que ela se parece com você. Posso fingir ser corajosa quando me pareço com você.

Na época, Rae não tinha lido os livros, mas ela vestiu seu uniforme de líder de torcida para que as duas estivessem fantasiadas. Uma fila se formou pedindo que Rae tirasse fotos deles com Alice. O cara no fim da fila ficou encarando, enquanto outro garoto, que carregava um machado de lâmina dupla, contava piadas e fazia Alice rir. Era bom ver sua irmã tímida rindo.

Quando Rae pegou o telefone do último cara, a mão dele foi parar na bunda de Alice, que tinha treze anos.

— Tire a mão! — Rae o repreendeu.

O cara disse:

— Ahhh, desculpe, *milady*. Minha mão escorregou.

— Tudo bem. — Alice sorriu, preocupada com os sentimentos dele, embora ele não tivesse se preocupado com os dela.

— Digam “xis”!

Alice era a irmã legal. Rae observou o sorriso pretensioso do cara e seu celular.

— Digam “vai pegar, idiota”!

Rae jogou o rabo de cavalo para trás e atirou o celular em uma lata de lixo transbordando de cachorros-quentes meio comidos. Ser legal era legal. Ser má resolvia as coisas.

Rae piscou.

— Ahhh, desculpe, *milorde*. Minha mão escorregou.

— Do que você está vestida? De líder de torcida filha da puta?

Ela colocou o braço nos ombros da irmã.

— *Chefe* das líderes de torcida e das filhas da puta!

O cara desdenhou:

— Aposto que você nem leu os livros.

Infelizmente, ele estava certo. Só que Rae mentia muito bem, e sua irmã era obcecada por esses livros. Assim, ela respondeu com uma das falas do Imperador:

— “Implore por misericórdia. Isso me diverte.”

Ela se afastou, recusando-se a responder a mais perguntas. Normalmente, ela se lembrava de todos os contos que Alice lhe contava, mas Rae já estava preocupada com o quanto estava se esquecendo das aulas, conversas e até mesmo das histórias.

Essa foi a última vez que Rae foi capaz de proteger sua irmã. Na semana seguinte, ela foi ao médico devido à tosse persistente e à perda de peso e de memória. Começou uma bateria de exames que acabou em biópsia, diagnóstico e tratamentos que duraram três anos. Parte de Rae permaneceu naquele momento final em que ela podia ser jovem e cruel, em que podia acreditar que sua história terminaria bem. Para sempre dezessete anos. O restante dela havia pulado todos os passos de criança para velha, sentindo ter muito mais de vinte.

O tempo da magia havia passado para Rae, mas Alice preenchia todos os requisitos para ser uma heroína: tinha dezesseis anos, era bela sem saber e se preocupava mais com sua série de livros preferida do que com qualquer outra coisa.

Sentada no leito de hospital de Rae, Alice empurrou os óculos para cima no nariz e fez cara feia.

— Você diz que quer relembrar a história, mas fica surpresa com os acontecimentos principais!

— Eu sei todas as canções do musical.

Alice fez cara de deboche. Sua irmã era uma purista. Rae acreditava que, com sorte, sua história preferida poderia ser contada de dezenas de formas diferentes, para que você pudesse escolher a preferida. Nenhum dos astros do musical era tão gato assim, mas ninguém pode ser mais gato que os personagens em sua imaginação. Personagens de livros eram perigosamente atraentes, e da maneira mais segura. Você nem sabia como eles eram, mas sabia que gostava.

— Então me diga o nome da Bela Mergulhada em Sangue. — Quando Rae hesitou, Alice a acusou. — Nem parece que você leu esse livro!

Era o segredo de Rae.

Essa era sua série preferida, e ela *não tinha* lido o primeiro livro.

Rae e sua irmã costumavam dormir juntas para ler livros, aconchegadas na mesma cama, lendo um romance muito aguardado ou contando histórias uma para a outra. Na época, Rae não acreditou em Alice quando ela disse que *Era do Ferro* tinha o poder de mudar uma vida. Alice era uma romântica literária, dessas que se apaixonam pelo potencial de toda história que conheciam. Rae sempre foi mais cínica.

Ler um livro era como ser apresentado a uma pessoa. Você não sabe se vai amá-la ou odiá-la o bastante para querer descobrir cada detalhe ou se só vai passar os olhos pela superfície, sem nunca a conhecer em profundidade.

Quando Rae foi diagnosticada, Alice finalmente teve seu público cativo. Durante a primeira sessão de quimioterapia da irmã, Alice abriu *Era do Ferro* e começou a ler em voz alta o que parecia ser uma aventura de fantasia típica sobre a donzela em perigo conquistando o cara com a coroa. Certa de que sabia para onde aquilo estava indo, Rae ouviu as partes divertidas com sangue e entranhas, mas se distraiu em outras partes. Quem se importava em salvar a donzela? Ela ficou impressionada mais para o fim, quando o Imperador se revoltou para reivindicar seu trono.

— Espere, quem é esse cara? — Rae tinha perguntado. — Eu amo ele. Alice a encarou, descrente.

— É o herói.

Rae devorou os dois livros seguintes. As sequências eram insanas. Após o assassinato da rainha, o Imperador trouxe a ruína, depois governou sobre uma paisagem sombria de ossos. Os livros eram macabros e também

obscuros. O título da série poderia muito bem ser *Putá merda, basicamente todo mundo morre*.

Sob os céus lúgubres de Eyam, monstros vagavam, alguns em formas humanas. Rae amava monstros e feitos monstruosos. Ela odiava livros que eram como manuais deprimentes instruindo as pessoas sobre a única forma moral de se comportar. Esperança sem tragédia era uma coisa vazia. No mundo estranho e fascinante desses livros, com seu herói horrível e glorioso, a dor significava alguma coisa.

Quando Rae terminou as sequências, a leitura começou a deixá-la enjoada, à deriva em um mar de palavras. O simples fato de ouvir os livros levava sua mente para dentro da neblina. Ela queria descobrir o que aconteceu no primeiro livro, então convenceu Alice a lê-lo em voz alta para “relembrar”. Se alguma voz podia prender a atenção de Rae, era aquela voz adorada.

Só que elas já estavam no fim, e Rae ainda assim tinha conseguido perder muita coisa do primeiro livro da série. Ela temia que sua irmã superfã estivesse percebendo.

Era hora de ter calma. Rae perguntou:

— Como ousa me questionar?

— Você esquece o tempo todo o nome dos personagens!

— Todos os personagens têm títulos e nomes, o que eu acho exagerado.

Tem o Naja Dourada, a Bela Mergulhada em Sangue, a Donzela de Ferro, o Última Esperança...

Alice deu um grito. Por um instante, Rae achou que ela tivesse visto um rato.

— O Última Esperança é o melhor personagem do livro!

Rae ergueu as mãos, rendendo-se.

— É você que está dizendo.

O Última Esperança era o lado perdedor do triângulo amoroso, o cara legal. Na opinião de Alice, o cara perfeito. O preferido de Alice perdia seu tempo desejando a heroína de longe, ocupado demais remoendo as coisas para usar suas incríveis habilidades sobrenaturais.

O desfile de caras declarando amor pela heroína era um borrão que entediava Rae. Qualquer um podia dizer que a amava. Quando chegava a hora de provar, a maioria fracassava.

Alice fungou.

— O Última Esperança merecia Lia. O Imperador é um psicopata.

A ideia de merecer alguém era equivocada. Não era possível ganhar mulheres por pontos. Não era como no videogame.

Rae fez vista grossa para isso, a fim de defender seu homem.

— Já parou para pensar que o Imperador tem maçãs do rosto incríveis? Desculpe, galera do bem. O mal é simplesmente mais sexy.

Rae queria que os personagens tivessem passados atormentados, mas que não fossem chatos por causa disso. O Imperador era de longe o preferido de Rae porque nunca ficava remoendo seu passado obscuro. Ele usava seus poderes profanos e sua enorme espada para massacrar seus inimigos; depois, seguia em frente.

Alice fez cara feia.

— A coisa com os sapatos de ferro foi assustadora! Se um cara desses é o verdadeiro amor, o que isso ensina às garotas?

Que coisa com os sapatos de ferro? Rae decidiu que não era importante.

— Histórias devem ser empolgantes. Não preciso de sermão, eu sei fazer análise literária.

Rae deveria ter sido oradora de sua turma e ganhado uma bolsa de estudos. Em vez disso, a poupança para a faculdade de Rae e de Alice tinha ido embora. Rae estava com vinte anos e nunca iria para a faculdade.

Elas não falavam sobre isso.

— Se o Imperador fosse uma pessoa de verdade, ele seria horripilante.

— Que sorte que ele não é de verdade — Rae retrucou. — Qualquer um que ache que os livros vão fazer as mulheres saírem com cretinos nos subestima. Se fosse assim, por que as pessoas não morrem de medo de filmes transformarem garotos em assassinos em série? Eu não quero consertar o cara, quero assistir ao programa sobre assassinatos.

Ela se recusou a ter outra discussão sobre o Imperador ser problemático. Claramente ele era problemático. Alguém que matava metade das pessoas que encontrava tinha um problema. Histórias viviam de problemas. Havia uma razão para *Guerra nas estrelas* não ser *Paz nas estrelas*.

Quando Lia foi morta, o Imperador colocou seu cadáver em um trono e fez seus inimigos beijarem os pés da defunta. Depois, arrancou o coração deles. “Agora vocês sabem como é”, ele murmurou, seu rosto sendo a última coisa que a visão turva deles veria. Personagens vilanescos tinham sucessos épicos, fracassos épicos e amores épicos. O Imperador amava como um apocalipse.

Na vida real, as pessoas te deixam ir. É por isso que as pessoas desejam o amor das histórias, um amor que parece mais real do que o amor real.

O suspiro de Alice poderia ter empurrado uma casa de fazenda para uma terra mágica.

— Estou falando de padrões perturbadores na mídia, não de uma história específica. Especificamente, você é básica. *Todo mundo* prefere o Imperador.

Aquilo era ridículo. Muitos apreciavam o sofrimento esculpido do Última Esperança, as travessuras decadentes do Naja Dourada e o sarcasmo cortante da Donzela de Ferro. Poucos preferiam a heroína. Quem podia ser tão bom quanto a mulher perfeita? E quem queria ser?

Menos pessoas ainda gostavam da meia-irmã malvada. A única coisa pior do que uma mulher ser inocente demais era uma mulher ser culpada demais.

— *Ninguém* prefere a Bela Mergulhada em Sangue — Rae observou.

— Não preciso saber o nome dela. Aquela conspiradora incompetente morre no primeiro livro.

— O nome dela é Lady Rahela Domitia.

— Uau. — Rae deu um sorriso amarelo. — Podiam muito bem ter chamado ela de Malvéia McEstranha. Não é de estranhar que o Imperador gostasse dela.

— O Imperador não — corrigiu Alice.

Certo, o rei só se tornou imperador depois. Rae assentiu com sabedoria. Alice continuou:

— Rahela era a preferida do rei até nossa heroína aparecer na corte. O rei ficou fascinado por Lia, daí a meia-irmã dela ficou louca de inveja. Rahela e sua criada conspiraram para que Lia fosse executada! Isso te diz alguma coisa?

— Muitas coisas. Minha cabeça está cheia de coisas.

Na memória de Rae, a voz da irmã ficou mais clara. Rae sempre apreciou uma grande cena de morte.

O capítulo começava com Lady Rahela usando um vestido branco-neve com barras vermelho-sangue, percebendo que estava presa em seu quarto. No dia seguinte, o rei mandou executar Rahela diante de toda a corte. Todo mundo gostou de ver a irmã megera aprendendo a lição.

A criada de Rahela recebeu a misericórdia de Lia, que sempre dizia: “Eu sei que há algo de bom neles”, enquanto as pessoas em questão

gargalhavam e comiam cabeças de gatinhos. A ex-criada de coração partido tornou-se uma assassina desumana com um machado conhecida como Donzela de Ferro.

Todos os grandes vilões quase se redimiam, mas em vez disso mergulhavam mais profundamente no mal. Você se pegava pensando: *Eles podem voltar! Não é tarde demais!* As melhores cenas de morte de vilões eram de fazer chorar.

Alice perguntou:

— Quer ler mais? Precisamos estar preparadas para o livro seguinte!

O livro seguinte seria o último. Todos esperavam um final infeliz. Rae temia um.

Esperança sem tragédia era uma coisa vazia. Assim como tragédia sem esperança. Rae sempre havia dito à irmã que essa era uma história sobre ambas as coisas. A escuridão não duraria uma eternidade sombria. As pessoas não continuariam piorando até morrer. Ela acreditava que o Imperador podia ressuscitar sua rainha e arrancar a vitória das presas da derrota, mas sua fé estava desaparecendo. A ficção podia ser uma fuga, mas ela suspeitava que ninguém sairia dessa história vivo.

— Não estou pronta para um final. — Rae fingiu um desmaio dramático. — Me deixe com o Imperador na sala do trono.

Alice se virou na direção da janela do hospital, que ficava opaca como um espelho quando a noite chegava. Rae ficou surpresa ao ver os olhos marejados de Alice refletidos no vidro. O livro não era algo pelo que valia a pena chorar. Nada daquilo era real.

A voz de Alice estava baixa.

— Não faça pouco-caso de coisas que eu acho importantes.

Rae deveria ser capaz de se transformar em quem havia sido um dia, por sua irmã. Ela deveria ser esperta e forte, com empatia para dar e vender. Ela já havia sido transbordante. Agora era vazia.

Sua voz ficou aguda como a culpa.

— Tenho outras coisas com que me preocupar!

— Você tem razão, Rae. Mesmo quando entende tudo errado, você acredita que está certa.

— É só uma história.

— Sim — Alice retrucou. — É apenas algo imaginado do nada que virou uma coisa de que milhares gostam. Só me faz sentir compreendida quando ninguém na minha vida me compreende. É só uma história.

Rae estreitou os olhos.

— Nunca passou pela sua cabeça por que eu posso não querer chegar ao fim desses livros em que todo mundo morre?

Alice se levantou como um foguete furioso, cuspidando faíscas ao ficar em pé.

— Você nem percebe por que a cena em que a Flor da Vida e da Morte floresce é minha preferida!

Rae ficou sem palavras, sem fazer ideia do que acontecia nessa cena.

Nesse hospital, havia argolas de metal presas nas portas brancas. Se você se sentisse instável, poderia segurar nessas argolas e abrir a porta. A porta se abriu atrás de Alice com uma força que fez o copo de água ao lado da cama de Rae balançar.

Sua irmã ir embora não era surpresa. Rae já tinha afastado todo mundo.

Rae virou a cabeça no travesseiro e ficou olhando pela janela prateada e vazia, pressionando os lábios. Então, ela se levantou da cama como uma velhinha saindo de uma banheira. Cambaleou na direção da porta sobre pernas magras como varetas. Às vezes Rae sentia que não eram suas pernas que a traíam, mas o mundo que não a queria mais tombando.

Quando Rae abriu a porta, Alice estava parada bem em frente. Ela caiu nos braços de Rae.

— Ei, feiosa — Rae suspirou. — Me desculpe.

— Me desculpe *você* — Alice disse, soluçando de choro. — Eu não devia fazer estardalhaço por causa de uma história boba.

— É nossa história preferida.

Rae era a irmã organizada. Ela tinha codificado por cores a programação na convenção para otimizar a experiência das duas. Ela tinha ajudado Alice a confeccionar sua fantasia. A história era uma coisa que as duas faziam juntas.

A história não era de verdade, mas o amor a tornava importante.

Alice pressionou o rosto no ombro de Rae. Rae sentiu o calor das bochechas de Alice e as lágrimas escorrendo debaixo dos óculos, deixando pontos molhados em sua camisola hospitalar.

— Lembra quando você me contava histórias? — Alice sussurrou.

Rae fazia muitas coisas antes.

Agora, o que ela podia fazer era abraçar a irmã. Era estranho estar mais magra do que a Alice vareta. Rae estava definhando até virar quase nada. Alice tinha crescido mais real do que Rae jamais seria novamente.

Ela deu um beijo nos cabelos despenteados da irmã.

— Eu te conto uma história amanhã.

— Sério?

— Confie em mim. Vai ser a melhor história que você já ouviu. — Ela deu um empurrão encorajador na irmã.

Alice hesitou.

— A mamãe vai passar aqui se ela conseguir fechar o negócio.

A mãe delas era corretora de imóveis e trabalhava até bem depois do horário de visitas. Ambas sabiam que ela não iria. Rae fez a pose brega dos cartazes da mãe delas e disse o slogan. “Viva na casa de suas fantasias!”

Alice já tinha quase saído quando Rae a chamou:

— Cara engraçada?

Sua irmã virou, tremendo com olhos escuros e suplicantes. Um filhote de cervo perdido no hospital.

Rae disse:

— Eu te amo.

Alice abriu um sorriso dolorosamente belo. Rae cambaleou de volta para a cama e deitou com o rosto para baixo. Ela não queria que Alice visse que ela estava exausta só por ter falado um pouco mais alto.

Ela tentou alcançar o *Era do Ferro* ao lado da cama. A primeira tentativa falhou. Rae rangeu os dentes e pegou o livro, então descobriu que seus dedos estavam tremendo demais para abri-lo. Afundou o rosto no travesseiro, sem energia para chorar muito antes de adormecer, ainda segurando o livro fechado.

Quando ela acordou, uma mulher estranha estava sentada ao lado de seu leito, com o livro de Rae nas mãos. A mulher não usava jaleco branco nem uniforme de enfermeira, mas leggings preta e uma camiseta branca bem larga. Tranças se torciam em um coque no alto da cabeça, e seu olhar sobre Rae era friamente avaliador.

Atordoada de sono, Rae murmurou:

— Você errou de quarto?

A mulher respondeu:

— Espero que não. Ouça com atenção, Rachel Parilla. Há muita coisa que você não sabe. Vamos falar sobre quimioterapia.

O choque fez Rae acordar. Havia uma alavanca ao lado dela para ajustar a inclinação da cama. Rae a puxou de modo que o colchão se elevou e ela pôde ver de um ângulo melhor.

— O que você acha que eu não sei?

Rae gesticulou para sua cabeça com o braço fino. Ela tinha suado enquanto dormia e sabia que o brilho da umidade em sua cabeça careca reluzia sob as luzes fluorescentes.

A mulher se recostou como se a cadeira do hospital fosse confortável. Passou a ponta do dedo sobre a capa de *Era do Ferro*, seu esmalte dourado fazendo um contraste cintilante com sua pele profundamente marrom e a capa brilhante do livro.

— Os tumores em seus linfonodos ficaram mais agressivos. Seu prognóstico sempre foi ruim, mas havia esperança. Está chegando a hora de os médicos te dizerem que a esperança acabou.

A cabeça de Rae girava, deixando-a nauseada e sem fôlego. Ela queria afundar no chão, mas já estava deitada.

A mulher continuou, implacável:

— O plano de saúde não cobre tudo. Sua mãe vai ter que refazer a hipoteca. Ela vai perder o emprego. Sua família vai perder a casa. Eles vão perder tudo, e o sacrifício não vai servir para nada. Você morre de qualquer jeito.

A respiração de Rae era uma tempestade que fazia seu corpo tremer. Ela tentou encontrar qualquer emoção que não fosse pânico e se agarrou à raiva. Pegou seu copo d'água e o arremessou na cabeça da mulher. O copo de vidro caiu no chão e se estilhaçou em mil pequenos diamantes afiados.

— Você sente um prazer doentio torturando pacientes de câncer? Saia!

A mulher não se abalou.

— Aqui está a última coisa que você não sabe. Você vai se salvar, Rae? Você iria para Eyam?

Será que essa moça tinha fugido da ala psiquiátrica? Rae nem sabia que havia uma ala psiquiátrica. Ela apertou o botão para chamar os enfermeiros.

— Ótima sugestão. Vou comprar uma passagem de avião para um país que não existe.

— Quem disse que Eyam não existe?

— Eu — respondeu Rae. — As livrarias colocam o *Era do Ferro* nas prateleiras de *ficção*.

Ela apertou o botão repetidamente. Venham salvar sua paciente, enfermeiros!

— Pense nisto: você diz “eu te amo” para alguém que não conhece. Isso é mentira?

Rae olhava para a mulher com cautela.

— É.

Os olhos da mulher estavam imóveis de uma forma que sugeria profundidade, muita coisa acontecendo sob a superfície tranquila.

— Mais tarde você conhece a pessoa para quem mentiu. Diz as mesmas palavras, e “eu te amo” é uma grande verdade. A verdade é pedra, ou ela é água? Se muitas pessoas andarem por um mundo em sua imaginação, um caminho se forma. O que é a realidade senão uma coisa que nos afeta de verdade? Se muitas pessoas acreditarem em uma coisa, ela não se torna real?

— Não — Rae disse, sem rodeios. — A realidade não exige fé. Eu sou real, por conta própria.

A mulher sorriu.

— Talvez alguém acredite em você.

Uau, alguém estava tomando uns remedinhos dos bons.

— É uma história.

— Tudo é uma história. O que é o mal? O que é o amor? As pessoas decidem o que fazer com eles, pegando caquinhos de crença e os juntando. Sangue e lágrimas suficientes podem comprar uma vida. Fé suficiente pode transformar algo em verdade. As pessoas inventam a verdade da mesma forma que fazem todo o resto: juntas.

Antes, Rae comandava sua equipe de líderes de torcida. Antes, sua família funcionava como uma equipe, um ajudando o outro, até que Rae não pôde mais ajudar ninguém. Antes foi há um bom tempo.

— O que dá sentido a uma história? — a mulher perguntou. — O que dá sentido à sua vida?

Nada. Essa era a verdade insultante da morte. A pior coisa que já havia acontecido com Rae não importava. Sua luta desesperada não fazia diferença. O mundo estava seguindo sem ela. Nesses dias, Rae estava completamente sozinha com a morte.

Esse era o verdadeiro motivo de ela amar o Imperador. Encontrar um personagem preferido era como descobrir uma alma feita de palavras que falavam com a sua. Ele nunca se conteve e nunca desistiu. Ele era a raiva

dela desenfreada. Ela não amava o Imperador apesar de seus pecados; ela o amava por causa de seus pecados.

Pelo menos um dos dois podia lutar.

Nas peças gregas, a catarse era conquistada quando o público via traição, amor distorcido e desastre. Eles purgavam através de tragédias impossíveis até que seus corações estivessem limpos. Em uma história, você tinha permissão para desmoronar por sentimentos terríveis demais para a realidade dar conta. Se Rae demonstrasse o quanto estava furiosa, perderia as poucas pessoas que lhe restavam. Ela estava impotente, mas o Imperador sacudia as estrelas do céu. Rae sacudia com ele, nos confins de seu colchão estreito do hospital. Ele era companhia para ela ali.

Rae se recusou a ser uma tola esperançosa.

— Eu não posso ir para Eyam. Ninguém pode.

Um país de verdade teria um mapa, ela quis argumentar, e então se lembrou do mapa de Eyam que ocupava grande parte da parede do quarto de Alice. Rae tinha visto os picos irregulares e as descidas finas como lápis dos Penhascos de Gelo e Solidão, a extensão da grande propriedade da família Valerius, e as intrincadas passagens secretas do palácio, a grande sala do trono e a estufa.

Rae nunca havia estado em Eyam. Ela também nunca havia ido para o Peru. Ainda assim, ela acreditava no Peru.

A mulher gesticulou.

— Posso te dar uma porta aberta.

— Aquela porta leva ao corredor do hospital.

— A porta leva, ou você leva? Saia deste quarto e se encontre em Eyam, no corpo da pessoa que mais combina com você. Um corpo que o ocupante anterior não está mais usando. Em Eyam, a Flor da Vida e da Morte floresce uma vez por ano. Você tem uma chance. Descubra como entrar na estufa imperial e roube a flor quando ela florescer. Quando você tiver a flor, uma nova porta vai se abrir. Até lá, seu corpo vai dormir esperando por você. Se pegar a flor, você acorda, curada. Se não pegar, não acorda.

— Por que está fazendo isso? — Rae perguntou.

Havia um tom sério na voz da mulher.

— Por amor.

— Quantas pessoas aceitaram sua oferta?

— Muitas. — A mulher parecia um pouco triste.

— Quantas acordaram curadas?

— Talvez você seja a primeira.

O botão para chamar os enfermeiros obviamente estava quebrado. Rae poderia colocar a cabeça para fora, no corredor, e gritar por ajuda, ou ficar recebendo broncas.

Rae preferiu agir.

Ela balançou as pernas na lateral da cama, colocando os pés no chão. Movimentando-se pelo mundo quando a doença estava em foco. Cada passo era uma decisão que Rae tomava enquanto pesava suas probabilidades. Era como estar no topo da pirâmide das líderes de torcida. Um movimento errado significava uma queda feia.

A voz da mulher soou às suas costas.

— Quando a história te pega e te distorce, você implora por misericórdia?

O desejo voou por Rae, afiado e brilhante como uma flecha em chamas. E se a oferta fosse real? Seus lábios se curvaram diante da doce e selvagem ideia. Imagine que uma porta pudesse se abrir como um livro, dentro da história. Imagine uma grande aventura em vez de paredes de hospital se fechando e a vida se estreitando a nada. Ser não uma artista do escape, mas uma escapista da arte, fugindo para terras imaginárias.

Atrás de uma porta de banheiro, enquanto Rae vomitava bile e sangue, ela tinha ouvido uma voz professoral dizer à sua mãe: “É hora de deixá-la ir.” Rae não podia se deixar ir. Ela era tudo o que tinha.

Antes, ela acreditava que seu futuro seria épico. Ela não sabia que teria apenas um prólogo.

Ela não tinha mais um rabo de cavalo, mas jogou a cabeça e deu uma piscadinha por sobre o ombro.

— Quando eu acabar com ela, a história vai estar *me* implorando por misericórdia.

Rae pegou na argola da maçaneta da porta e a abriu com toda a força que lhe restava.

A luz entrou como vidro cintilante em seus olhos, seguida de uma escuridão impetuosa. Rae olhou para trás, alarmada. A cor se esvaiu do mundo atrás dela, deixando seu quarto de hospital preto e branco como tinta em uma página.

*

Rae acordou devagar. Ultimamente, desmaiava sempre que se levantava rápido, e normalmente retomava a consciência focando os olhos no chão.

Agora, Rae estava se afogando nas peças quebradas de um mundo. Fragmentos azuis como a terra vista do espaço, com rachaduras nos azuis, como se alguém tivesse estilizado o mundo e juntado as peças novamente.

Ela se levantou rapidamente para olhar para o chão. Mosaicos azuis retratavam uma piscina cintilante sobre a qual a cama ricamente adornada ao seu lado parecia flutuar.

Enquanto Rae olhava incrédula para o azul profundo, rubis piscavam olhos escarlate para ela. Joias vermelho-sangue, adornando mãos suavemente arredondadas. As mãos de Rae eram garras, as mãos de uma velha com pele fina como papel esticada sobre ossos. Essas eram as mãos de uma jovem.

Não eram as mãos de Rae.

Esse não era o corpo de Rae. Ela tinha se acostumado a sofrer havia tanto tempo que a dor não era algo que lhe acontecia; era sim parte dela. Agora a dor tinha ido embora. Ela espalhou os dedos diante do rosto, e o movimento fácil de seu pulso era uma maravilha. Um bracelete pesado na forma de uma cobra escorregou por seu braço, luz vermelha atingindo as espirais de metal como uma revelação manchada de sangue.

Alguém podia sequestrá-la, mas não podiam mudar seu corpo.

Ela baixou as mãos cheias de anéis de rubi ao lado do corpo, e pela primeira vez notou suas roupas. As saias derramavam-se sobre o chão, brancas como a neve, com as barras tingidas de um carmesim profundo. Como se o branco imaculado tivesse sido mergulhado em sangue. Esse era o vestido que Alice havia usado na convenção, a fantasia que ela acreditava que a tornava corajosa.

Rae saiu correndo do quarto para o pequeno corredor. Paredes e pisos eram de mármore branco, cintilando gentilmente, como se Rae estivesse presa dentro de uma pérola. Quando tentou abrir a porta, estava trancada. Pela única janela de vitral, ela viu um sol afundando em meio a nuvens de fumaça e uma lua já reinando sobre a noite escura. A lua estava rachada como um espelho que cortava os reflexos em dois, quebrada como a janela de uma casa na qual não se está seguro.

Ela conhecia aquele céu. Ela conhecia aquela cena. Ela conhecia aquela *roupa*.

Uma risada abriu caminho do fundo do estômago de Rae, saindo como uma gargalhada. Suas belas mãos se cerraram para uma briga.

Ela estava na terra de Eyam, no Palácio na Borda.

Ela era Lady Rahela, a Bela Mergulhada em Sangue. Era a meia-irmã malvada da heroína. E seria executada no dia seguinte.

